



ESPETACULARIZAÇÃO OU DIALOGIA? O REPÓRTER EM TRÂNSITO NO ESPAÇO URBANO

Mara Ferreira Rovida¹

RESUMO: A dialogia se apresenta como um processo que vai na contramão do espetáculo, no sentido debordiano do termo. Ao observar as formas mais recorrentes de cobertura jornalística da mobilidade urbana, percebe-se uma certa insistência na leitura do trânsito por meio de números. Esse formato se enquadra numa perspectiva de esvaziamento de sentido da informação pela abstração apresentada pelo excesso de índices e taxas que tentam dar conta da realidade. Mas, no exemplo de uma emissora de rádio cuja grade de programação é totalmente dedicada a essa pauta, é possível identificar no próprio padrão de cobertura a dialogia jornalística como uma possibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Radiojornalismo; Trânsito urbano; Dialogia; Espetacularização.*

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela USP, mestre em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Libero, jornalista, professora do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco e membro do Grupo de Pesquisa do CNPQ Comunicação e Sociedade do Espetáculo. E-mail: mararovida@gmail.com

Introdução

Na perspectiva de prestação de serviço informativo, a pauta sobre a mobilidade urbana vem se tornando uma constante na cobertura jornalística. O congestionamento apresentado em forma de números, seja de quilômetros de filas ou de tempo gasto nos percursos, bem como a busca por caminhos alternativos ou a simples constatação de que não há escapatória são algumas das possíveis roupagens que esse tipo de narrativa sobre as metrópoles contemporâneas pode assumir.

No rádio, essa temática ocupa cada vez mais espaço, ou tempo, durante as emissões de cunho jornalístico – em alguns casos, aparece até entremeada aos programas de entretenimento. Uma pesquisa realizada pelo portal Comunique-se² revela que as principais emissoras de radiojornalismo de São Paulo dedicam, em média, 10,5% do horário nobre à cobertura do trânsito. Os investimentos nesse tipo de cobertura podem ser notados por meio da contratação de serviços de helicópteros que sobrevoam a cidade com os repórteres, da criação de fórmulas de reportagem de rua para verificar as condições do tráfego (reportagem de carro, de bicicleta ou realizada com base nos dados de sistemas de monitoramento das condições de ruas e avenidas das cidades), entre outras ações.

Os horários com maior incidência de divulgação de informações sobre o trânsito são os chamados períodos de pico da manhã e da noite, quando o volume de pessoas em movimento no espaço urbano atinge seu ápice. Mas, o tema, presente na cobertura das emissoras de rádio, também será contemplado pela televisão, pelos jornais impressos, pelas revistas e pela Internet. Os jornais costumam lembrar diariamente as regras de trânsito, como as restrições – de determinados veículos, em certas vias, em horários específicos do dia –, por exemplo. As revistas fazem reportagens sobre tais regras, quando há grande impacto social – o que geralmente acontece no momento em que novas regulamentações são criadas. Os canais de televisão também usam, nas coberturas mais regionais, os serviços de helicópteros para mostrar as condições do trânsito durante a transmissão de um telejornal, por exemplo. Mas, ao que parece a relação entre o

² Disponível em <http://portal.comunique-se.com.br/index.php/entrevistas-e-especiais/71247-radios-de-sao-paulo-dedicam-mais-de-10-do-horario-nobre-com-noticias-sobre-o-transito>, último acesso em 29/5/2014.

cidadão que busca informação sobre esse assunto e a oferta apresentada pelos veículos de comunicação se estreita no ambiente do radiojornalismo. O rádio pode ser ‘alcançado’ em pleno movimento pela cidade, pode acompanhar o ouvinte-motorista durante os deslocamentos e acaba se apresentando como fonte de informação sobre a mobilidade no próprio espaço do trânsito.

Essa relação entre a demanda pela informação sobre o ir e vir pelas cidades e o radiojornalismo fica bastante evidenciada no trabalho apresentado por uma emissora que dedica a totalidade da sua programação a essa cobertura. Trata-se da Rádio SulAmérica Trânsito (FM 92,1), criada numa parceria entre o Grupo Bandeirantes de Comunicação e a SulAmérica Seguros. Por sua configuração e por ter sido estudada em pesquisa anteriormente realizada³, a Rádio SulAmérica Trânsito (RST) será usada como espaço de observação da cobertura do trânsito pelo radiojornalismo brasileiro contemporâneo, neste artigo.

A práxis jornalística como cultura profissional

A padronização da cobertura jornalística não se dá apenas quando a pauta é o trânsito das grandes metrópoles. Mas, nesse caso específico, as abordagens mais comuns parecem se repetir nas narrativas produzidas por diferentes profissionais que atuam em variadas empresas e, até mesmo, em mídias distintas. Mas, esse fator fica ainda mais evidenciado quando o foco de observação se restringe a um tipo de veículo específico com atuação numa área urbana delimitada.

Na produção apresentada pelas emissoras de rádio que cobrem a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), por exemplo, observa-se com recorrência a utilização de mecanismos geradores de dados estatísticos, bem como o monitoramento a distância propiciado por câmeras, índices oficiais de congestionamento, entre outras fontes de informação numérica. A insistência na leitura do trânsito por meio de números não é difícil de ser observada. Há, inclusive, a combinação de dados gerados pela Central de Engenharia de Tráfego (CET) e a leitura de softwares alimentados por dados de GPS. Num mesmo boletim de trânsito, o apresentador ou jornalista responsável pelo horário da emissão irá anunciar o dado oficial da CET e também a estatística mais

³ Ver mais detalhes em ROVIDA, Mara F. “Jornalismo em trânsito – o diálogo social solidário no espaço urbano do trânsito”. Tese de doutorado apresentada ao PPGCOM da ECA-USP. São Paulo: 2014.

precisa desses softwares. A diferença está na metodologia dessa leitura. Enquanto a CET trabalha com informações restritas aos principais corredores da capital paulista (observados por seus agentes de rua e por meio das câmeras de trânsito), esses programas contam com dados emitidos via satélite pelos vários motoristas em movimento no espaço urbano que usam algum dispositivo GPS. Alguns desses softwares já estão disponíveis em forma de aplicativos para *smartphone* e, dessa forma, podem ser utilizados pelos próprios motoristas.

As combinações numéricas e a narrativa distanciada são as formas mais corriqueiras de cobertura do trânsito pelo jornalismo radiofônico. Outra metodologia bastante comum, embora imponha algumas dificuldades por conta do alto custo, é a cobertura por helicóptero. Por proporcionar a ampliação da área de observação do repórter, esse tem sido um mecanismo bastante procurado, principalmente nos horários de pico. Mas para manter um aparelho desses no ar não é barato e, por isso, as emissoras que usam a chamada cobertura aérea restringem a participação dessa ferramenta a certos horários do dia. Outras acabam abrindo mão dessa ferramenta por não terem como arcar com os custos ou buscam um patrocínio específico para os chamados repórteres aéreos.

As fórmulas de cobertura do trânsito vão, como observado em trabalho de campo realizado para pesquisa anteriormente citada, se padronizando. É possível inferir que há um certo entendimento de como esse tipo de cobertura deve ser feita e o padrão estabelecido passa a ser compartilhado por meio de técnicas reconhecidas pelos profissionais da comunicação como as mais profícuas. Esse processo parece indicar que tais padrões fazem parte da cultura profissional dos jornalistas.

A cultura profissional pode ser considerada como um dos três feixes de forças que interferem no processo de produção das narrativas jornalísticas. Cremilda Medina (Medina, 1996) identifica três diferentes fontes de forças que contribuem ou incidem no processo de produção jornalística. O primeiro feixe é formado pelos interesses econômico-políticos, em geral relacionados à empresa de comunicação. No caso da RST, por exemplo, pode-se entender nesse escopo os interesses mercadológicos que deram origem à emissora, criada numa parceria entre o Grupo Bandeirantes de Comunicação e a SulAmérica Seguros. Na verdade, a ideia de lançar uma rádio dedicada exclusivamente à cobertura do trânsito de São Paulo surgiu de uma necessidade da seguradora. De acordo com o editor-chefe da emissora, Ronald

Gimenez⁴, a SulAmérica Seguros contratou uma consultoria de marketing para elaborar estratégias que pudessem aumentar a participação da empresa no mercado de seguros para automotivos em São Paulo. Ainda segundo Gimenez, a seguradora é uma das líderes desse mercado no Brasil, mas nunca conseguiu aumentar sua carteira de clientes na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – a mais rica região metropolitana do país. Com interesse claro em melhorar a imagem da empresa perante uma clientela potencial, a equipe responsável pelo marketing da SulAmérica Seguros procurou o Grupo Bandeirantes e fez a proposta de parceira. O objetivo original era certamente prestar serviço de qualidade e gratuito para um público a ser transformado em cliente. Esse objetivo se mostra pela priorização do ponto de vista dos motoristas de automóvel nas narrativas produzidas pela emissora. Não é difícil constatar que boa parte do trabalho realizado pela equipe da rádio se alinha à perspectiva de quem se desloca pela metrópole de carro. Apesar disso, informações sobre o transporte coletivo, o trânsito de veículos de carga, entre outras questões mais abrangentes estão presentes na cobertura.

O segundo feixe, por sua vez, é constituído pelo ambiente cultural, mais especificamente, a cultura profissional. O ambiente de trabalho, as ferramentas colocadas à disposição da equipe de jornalistas, as demandas apresentadas pela chefia e as técnicas já conhecidas de um fazer dão o tom dessa práxis que, em algumas situações, é limitada. Deve-se entender nessa seara do fazer jornalístico todas as dificuldades enfrentadas pelos jornalistas no que diz respeito ao orçamento da emissora, ao acúmulo de funções e, claro, às motivações econômico-políticas envolvidas no processo. Muitas vezes, o engessamento estrutural é tamanho que a forma de fazer o trabalho acaba se tornando deveras repetitiva e não é em nada alterada pelos diferentes profissionais que executam a tarefa.

No exemplo da RST, essa situação é demonstrada com certa força. Os apresentadores que trabalham no estúdio, pelo próprio acúmulo de funções – eles são responsáveis pela apresentação e pelos trabalhos técnicos ao mesmo tempo – e pelo formato engessado da programação, atuam de forma muito semelhante. A equipe de repórteres de rua também apresenta um formato de trabalho bem homogêneo. Mas esse segundo grupo de jornalistas, que também faz uma leitura numerizada do trânsito de

⁴ O editor-chefe da RST, Ronald Gimenez, foi entrevistado nas dependências da emissora, no Morumbi, em São Paulo, em 23 de fevereiro de 2012, para a já citada pesquisa doutoral.

São Paulo, demonstra uma perspectiva um tanto diferente dos demais por atuarem diretamente no espaço urbano. Esses jornalistas acabam apreendendo em sua fala o olhar de quem está imerso no trânsito, em outras palavras, suas narrativas de alguma maneira escapam à frieza numérica por apreenderem a experiência da situação vivenciada tanto por quem é personagem das narrativas (as fontes), como por quem frui a informação (o público).

Mesmo com as limitações impostas por um padrão técnico, o trabalho desses jornalistas apresenta brechas de liberdade criativa que podem ser aproveitadas. Essa realidade só pode ser compreendida quando o cotidiano de trabalho desses profissionais é observado de perto. Ao acompanhar a jornada de trabalho de parte da equipe de repórteres de rua da RST, foi possível identificar como cada profissional aproveita ou não as brechas propiciadas por seu fazer. Assim, empiricamente fica estabelecida a presença do terceiro feixe de forças proposto por Medina (Medina, 1996), compreendido como a autoria do comunicador, do mediador social. O jornalista, pensado por essa noção teórica, é tido como sujeito, como agente social e portanto sua subjetividade interfere no processo de produção jornalística. Nesse ponto, é preciso fazer uma ressalva. Mesmo visto como autor de suas narrativas, como criador da comunicação, esse jornalista é, em verdade, um articulador de vozes e de pontos de vista, um porta-voz da pluralidade. Isso significa que essa narrativa autoral é polifônica e polissêmica por natureza, portanto, é caracterizada por uma assinatura coletiva (Medina, 1996).

A criatividade autoral é possibilitada, em certo sentido, pela presença desse terceiro feixe de forças. Embora seja uma interferência “individual”, ela reflete as interações, os vínculos estabelecidos pelo jornalista no desenvolvimento de sua atividade profissional. Isso porque o processo comunicacional é entendido por Medina numa lógica triádica, em outras palavras, uma relação entre os protagonistas da ação social, o mediador dialógico (jornalista) e o público, fruidor da informação. Os representantes dessa tríade são compreendidos como atores e agentes que participam ativamente do processo comunicacional, embora o mediador seja o articulador das relações que podem se estabelecer nessa dinâmica.

E se esta linguagem mediadora sair do puramente virtual para a efetiva comunicação social, o fruidor da informação se identifica com o sujeito do acontecimento, revive o acontecer e assume a ação histórica com decisões informadas (Medina, 1996: 13).

Assim, nessa relação triádica, a contribuição criativa do jornalista deve ser levada em grande consideração, segundo Medina. É o mediador criativo, capaz de estabelecer um diálogo afeto ao outro – num primeiro momento com as fontes de informação e, num segundo, com o público –, quem irá tecer as teias dessa relação. Sua atuação ultrapassa a esfera da técnica burocratizada e burocratizante, ela deve se expandir e, com base na pesquisa incansável, estabelecer nexos com a realidade.

Essa perspectiva, em verdade, mostra uma possibilidade de “aproveitamento” das brechas que fazem parte do padrão produtivo desses profissionais da comunicação. As possibilidades estão presentes no cotidiano desses jornalistas, apesar de todas as limitações e dificuldades impostas pela estrutura produtiva. Mas é a decisão ou o comprometimento do repórter com seu papel de mediador dialógico que definirá a possibilidade de essa mediação acontecer. Segundo Medina, para obter como resultado uma narrativa verdadeiramente dialógica é necessário aprofundar o conhecimento sobre a própria produção jornalística. O contato com as fontes, por exemplo, baseado numa entrevista diálogo será importante para que o mediador seja capaz de construir sua narrativa. Se na pesquisa, na checagem de informações, a postura do mediador for de abertura aos afetos, num sentido de disposição para o diferente, esse processo será facilitado. Mas, infelizmente, segundo Medina, não se percebem investimentos no aprimoramento dessas competências que, longe de serem diferenciadas, fazem parte das bases do fazer jornalístico (Medina, 1996: 21). Por outro lado, um mediador competente será capaz de atuar ética, estética e tecnicamente (Medina, 1996: 20).

Essa competência se estabelece, em grande medida, na capacidade desse mediador de fazer uma leitura do mundo. A abundância de informação, as facilidades apresentadas pelos aparatos tecnológicos, as trocas culturais e as distâncias cada vez mais diminutas se colocam em consonância com essa busca pela compreensão do mundo. Mas, para aproveitar todas essas novidades e vantagens, o mediador terá de acionar suas potencialidades intuitivo-sintéticas, lógico-analíticas e motor operacionais (Medina, 1996: 25-26). Em outras palavras, o mediador precisará colocar a prova sua

habilidade em congregar a polifonia e polissemia de suas fontes de informação, de seu público e dele mesmo (Medina, 1996: 27).

Essa leitura cultural impetrada pelo mediador ganha algumas particularidades na narrativa jornalística. Isso não se resume ao texto, mas ao processo produtivo como um todo. Medina assim descreve esse processo:

O ato jornalístico exige um olhar sutil e indiscreto do leitor cultural; uma visão complexa apta a reconhecer a polifonia e a polissemia do contexto sócio-cultural; e a relação dinâmica entre eu e o outro.

No ato analítico, decifrador, são fundamentais o amplo repertório mítico, aptidões transculturais e osmotípicas, bem como a clareza que elucide caminhos de ruptura.

Ao desembocar no ato expressivo, mobilizam-se a competência de narrador; fluência e regência de vozes; precisão, coerência e polissemia sintética da palavra-revelação.

Um quarto e último princípio norteador propõe, após a interpretação (decifração) de determinada situação, a incorporação ao processo de mediação social de uma nova compreensão de realidade. Se todos os jornalistas tivessem assimilado a dialética da malandragem ou a dinâmica dos pobres diabos, certamente teríamos, nas reportagens contemporâneas, uma mediação social mais complexa e enriquecedora (Medina, 1996: 33).

O esvaziamento pelo excesso numérico

A questão que se impõe a partir dessa perspectiva de que, apesar das estruturas engessadas do fazer jornalístico, existem brechas para a criatividade autoral tem relação com a hegemonia de um modelo narrativo que parece contrariar essa possibilidade. Como já mencionado, a cobertura do trânsito urbano parece seguir um padrão independente da empresa jornalística para a qual o profissional trabalha. A recorrência de uma leitura numerizada desse cenário urbano é um dos principais aspectos que indicam essa padronização.

Mesmo entre os jornalistas que ocupam diferentes posições nessa leitura do trânsito, existe uma certa similaridade em suas narrativas. Na própria RST, observa-se o uso frequente dos números que compõem a estrutura do ir e vir pela metrópole. Além dos vários aparatos tecnológicos que transformam a realidade em índices, dados estatísticos e mapas coloridos que sofrem mudanças drásticas a cada instante, o repórter imerso no espaço urbano contabiliza o tempo gasto em seus percursos, faz cálculos a partir dessa perspectiva *in loco* e ajuda a compor uma narrativa em números.

Os índices de congestionamento, a classificação que tenta organizar o caos urbano em ‘trânsito lento’, ‘trânsito pesado/carregado’ e ‘trânsito parado’, os recordes constantemente batidos nas manhãs e tardes e tantos outros números lidos ou narrados com grande alvoroço diariamente parecem criar um discurso histórico, por um lado, e distanciado, por outro. Depois de algum tempo nessa toada, parece estabelecer-se uma certa apatia em relação à realidade experimentada nesse espaço urbano. Afinal, o que o número informa sobre a experiência vivida num período extenso passado nas filas asfálticas? De que são formadas essas filas? De carros, de pessoas, de pressa, de um modo de ser, de angústia, de raiva, de cansaço?

A densidade demográfica, a insuficiência do sistema de transporte coletivo, a periferação das populações – vivendo cada vez mais longe dos espaços de trabalho e de estudo, concentrados nos centros estruturados –, bem como uma série de outros fatores contribuem para que a cada dia essa realidade do trânsito se repita e se intensifique. Aliás, esse seria o aspecto que mais contribui para a piora na qualidade de vida nas grandes cidades.

De todos os fatores que contribuem para a piora na condição de vida das metrópoles, o modelo de mobilidade baseado na matriz rodoviária, especialmente no automóvel, e o relativo desprezo pelo transporte coletivo são, talvez, os de maior impacto (...) Mais de 30,5 milhões de viagens por dia são realizados na RMSP (...) Na capital de São Paulo circulam 3.000.000 de veículos por dia dos quais 1.200.000 se mantêm principalmente na região de renda maior, entre os rios Pinheiros e Tietê (Maricato, 2011: 79-80).

116

A narrativa estruturada nessa lógica da contabilização da realidade parece ter como efeito um certo distanciamento asséptico do que se passa nas ruas e avenidas das grandes cidades. Mesmo que esse cenário de produção jornalística se mostre com recorrência e tenha se tornado parte de um padrão hegemônico, existem situações que escapam a essa regularidade. Mais do que um desvio ou uma exceção à regra produtiva, o repórter que atua diretamente no espaço urbano consegue com certa facilidade construir uma narrativa mais próxima das pessoas em trânsito. Esse aspecto do trabalho produzido pela equipe de repórteres da RST resulta, em algumas situações, em momentos verdadeiramente dialógicos que escapam à numerização da realidade.

Para a apresentadora Ana Paula Rodrigues⁵, que já foi repórter, ir à rua e enfrentar os problemas ao lado da população – como ficar preso no engarrafamento, passar por enchentes, ver acidentes, enfim, estar na mesma situação do público – proporciona à equipe um conhecimento real, porque vivenciado, do que acontece. Então, a preocupação com a qual lidam com o desespero de alguém que está no meio de um alagamento, por exemplo, ou de uma família que precisa chegar a um hospital é parte da vivência desses jornalistas e o público reconhece isso. Esse é certamente o ponto central do relacionamento entre mediadores, público e fontes de informação presente na proposta triádica de Medina. No caso específico da cobertura da RST, o reconhecimento mútuo de que todos se encontram num mesmo espaço urbano e enfrentam as mesmas dificuldades acaba por estreitar as relações entre os três atores presentes neste processo comunicacional. Isso porque o repórter atua diretamente no espaço do trânsito, os protagonistas de suas narrativas são pessoas também presentes nesse espaço urbano e o público da rádio é formado majoritariamente por pessoas em deslocamento nas ruas e avenidas da grande metrópole.

O repórter, mais do que qualquer outro profissional da rádio, sente a cidade e seus problemas; observa os personagens e seus dramas; testemunha as dificuldades e os pequenos gestos solidários; por isso, sua narrativa é capaz de ‘tocar’ o ouvinte de uma maneira especial. Há um reconhecimento recíproco de quem vivencia a mesma experiência, isso contribui tanto para o estreitamento das relações com o ouvinte como também abre um caminho a ser explorado para aproximar esse público dos personagens da comunicação, muitas vezes, apresentados como antagonistas.

Para Ana Paula Rodrigues, a experiência das ruas é o aspecto central do trabalho de repórter. “É importante [o trabalho *in loco*] porque ele sente na pele o que o motorista está passando na rua.” Ela considera haver diferenças entre a fala do apresentador que observa a realidade a partir do estúdio e a do repórter que vivencia as situações no espaço urbano. Esse ponto abordado pela jornalista permite perceber a importância da observação-experiência no desenvolvimento da comunicação. Sem essa vivência, fica mais complicado representar nas narrativas as angústias, os medos, as revoltas e demais sentimentos e sensações dos personagens e do próprio público.

⁵ Ana Paula Rodrigues foi entrevistada nas dependências da RST, no Morumbi, em São Paulo, em 23 de fevereiro de 2012, para a já citada pesquisa doutoral.

Para exemplificar a importância dessa imersão no espaço urbano, Ana Paula lembra do dia em que vivenciou, pela primeira vez, o drama de uma enchente. Segundo ela, é desesperador ver a água subindo e não ter para onde correr. É impossível não temer pelo pior e isso ela só descobriu na rua, em meio ao alagamento. Nesse dia, ela ficou presa por mais de uma hora, até a água baixar o suficiente para os carros passarem, e descobriu uma outra faceta das relações no trânsito. Durante o período que ficou sem ter como sair com o carro, ela desceu do veículo e conversou com as pessoas que por ali estavam e foi relatando a situação pelo entorno em seus boletins. Em meio ao caos provocado pela chuva, ela observou cenas de solidariedade entre as pessoas. “Um motoboy começou a organizar o trânsito, já que não tinha CET no local. Quando a água começou a baixar e os caminhões começaram a arriscar a travessia, ele ia próximo às poças d’água pra verificar se dava ou não para passar e sinalizava para os motoristas.”

A narrativa dessas cenas só pode ser desenvolvida, simbolizando as cores da realidade, quando o repórter está no espaço urbano e testemunha o desenrolar da situação. Existem detalhes que só podem ser alcançados nessa imersão que a equipe da RST faz na cobertura. Ainda sobre a solidariedade dos motoboys, Ana Paula lembra de ter visto, várias vezes, grupinhos de motociclistas empurrando carros em pane com os pés. Segundo ela, eles fazem uma fila na traseira do carro e usam a força das motos para empurrar o veículo. Esse olhar próximo flagra muito mais do que o conflito, a disputa, o caos e a assepsia dos números, ele desvenda as interações solidárias e ao realçar isso em sua narrativa, o jornalista abre caminho para os momentos de **diálogo social solidário**⁶. Nesse sentido, percebe-se ser a observação-experiência fundamental para que a dialogia seja criada por esses mediadores. Sem essa proximidade e essa interação com os personagens do espaço urbano, isso se tornaria quase impraticável.

Outro aspecto importante do trabalho do repórter lembrado por Ana Paula é o levantamento de pauta; por estar o tempo todo em trânsito, eles acabam vendo muita coisa, observando os vários problemas da cidade. “É um olhar diferente.” A classificação dos trajetos, se vale a pena, se está congestionado ou apenas lento, por

⁶ O conceito de **diálogo social solidário** foi desenvolvido como resultado da observação empírica do trabalho realizado pelos repórteres de rua da RST, em pesquisa anteriormente citada.

exemplo, é mais precisa quando observada pelo repórter na rua, em complemento, muitas vezes, ao que os mapas dos vários softwares revelam.

Para Ana Paula, além dessa relação próxima da equipe com o público e os personagens das narrativas na cidade, a interação permitida pela rádio ajuda a construir uma rede de solidariedade entre as pessoas em trânsito pela RMSP. Os ouvintes se ajudam por intermédio da RST e também colaboram com a construção da narrativa jornalística. Assim, a ajuda oferecida ao público não vem apenas do trabalho dos comunicadores, da apuração feita por eles, ela também é proveniente das pessoas que usam o espaço da emissora para colaborar com os demais. Isso é permitido por essa costura de mensagens, de vozes e de pontos de vista feita na mediação jornalística. Há, nesse formato de comunicação, a possibilidade de uma relação amistosa, de um encontro de indivíduos marcados pela diversidade contemporânea. É esse caldo que propicia uma situação favorável à dialogia. Segundo o repórter da RST, Ronaldo Rodrigues⁷, os jornalistas em trânsito reconhecem os impactos de suas narrativas nas interações entre as pessoas que se deslocam pela cidade. Ao contar uma história, é preciso ter isso em mente, segundo ele. Assim, o poder de interferir – mesmo que a mensuração disso seja complicada – nas relações entre as pessoas em trânsito é conscientemente percebido por esses profissionais. Talvez, ele não seja lembrado a todo momento, mas eles sabem de sua existência.

Abstração pelo número

O acompanhamento do trabalho da equipe de repórteres da RST revela as brechas e possibilidades de uma abordagem jornalística dialógica. Mas isso não pode ser tomado como padrão da cobertura do trânsito, muito pelo contrário. O que se observa como abordagem mais recorrente, conforme exposto anteriormente, é a insistência numa leitura da (i)mobilidade urbana pelos números.

É possível pensar que as taxas e índices são apresentados como um modelo de fácil compreensão da realidade. Afinal, todos os indivíduos em trânsito pela metrópole reconhecem os patamares toleráveis de congestionamento – até um certo número, pode-se considerar o trânsito dentro da média para o horário, por exemplo. O dado numérico

⁷ Ronaldo Rodrigues é um dos repórteres acompanhado em sua jornada de trabalho, na pesquisa de campo realizada em trabalho anteriormente elaborado e já mencionado neste artigo.

é, nessa abordagem, uma narrativa exata e objetiva daquilo que se passa na realidade urbana. Assim, a cultura profissional do jornalismo, alinhada a uma busca pela objetividade e clareza, vai se respaldar nesse formato narrativo como garantia de uma comunicação adequada aos compromissos assumidos pelo comunicador.

Essa postura, porém, não parece suficiente para lidar com a complexidade da realidade urbana, isto é, a conjuntura social e os atores individuais e coletivos que fazem parte dela. O que é tolerável como índice de congestionamento? O que significa estar parado no trânsito em meio a uma enchente? A dificuldade de ir e vir pela cidade pode ser traduzida em quilômetros de filas? Ao questionar os significados dessa numerização do caos urbano, é possível identificar no formato narrativo predominante na cobertura jornalística do trânsito um grau de esvaziamento de sentido pelo distanciamento existente entre a realidade, em todas as tonalidades de suas cores, e a assepsia numérica.

O distanciamento recorrente dessa forma de abordagem parece resultar, em grande medida, na abstração provocada pela narrativa baseada em números. A falta de vínculos reconhecíveis nessa narrativa mantém os sujeitos do processo comunicacional separados ou isolados. Diferentemente da perspectiva defendida por Medina, nesse formato de comunicação não há empatia entre os representantes da tríade comunicacional, não há diálogo. O que se observa é o inverso.

A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade dessa perda: a abstração de todo trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo *modo de ser concreto* (grifo do autor) é justamente a abstração. No espetáculo, uma parte do mundo *se representa* (grifo do autor) diante do mundo e lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem comum dessa separação. O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne *como separado* (grifo do autor) (Debord, 2012: 23).

A separação ou isolamento de que trata Debord, para compreender o espetáculo, parece presente nessa lógica do trânsito em números. Não há identificação entre os sujeitos dessa comunicação, embora, na aparência, a informação seja precisa e objetiva.

O próprio Debord opõe espetáculo e diálogo. Para o autor, “o espetáculo não pode ser identificado pelo simples olhar, mesmo que este esteja acoplado à escuta. Ele escapa à atividade do homem, à reconsideração e à correção de sua obra. É o contrário

do diálogo” (Debord, 2012: 18). O diálogo, nessa perspectiva, pressupõe uma participação ativa dos vários sujeitos sociais, o que se aproxima da noção de comunicação triádica de Medina.

A crítica da forma assumida pela comunicação na sociedade capitalista é inseparável da crítica da dominação existente nessa sociedade, Debord defende que a negação dessa forma é a comunicação dialógica. Para ele, há uma oposição entre o espetáculo e o diálogo. A crítica que Debord faz ao olhar, como forma principal de conhecimento do mundo, está baseada na defesa do diálogo. (...) A defesa da comunicação dialógica fica evidenciada na relação que Debord procura estabelecer com os leitores dos seus textos. A linguagem utilizada por ele pressupõe um leitor ativo, que não deve se limitar a olhar o texto, que não pode ser compreendido sem a participação efetiva do leitor (Coelho, 2013: 42,43).

Ao observar a conjuntura da produção jornalística sobre o trânsito da RMSP, elaborada pela RST, chama a atenção o potencial dialógico presente, principalmente, na forma de ação dos repórteres que atuam *in loco*. Apesar das estruturas estabelecidas por uma cultura profissional que almeja, sobretudo, a objetividade, o jornalista em trânsito é capaz de criar espaço de diálogo entre os representantes da diversidade que compõem a complexidade da realidade contemporânea. A polissemia e a polifonia necessárias a esse intento são contempladas justamente quando as narrativas vão além dos índices de congestionamento e contagem de tempo.

Espetacularização ou dialogia?

Como observado, a cultura profissional do jornalista apresenta – no que tange à cobertura radiofônica do trânsito – uma práxis, um padrão de abordagem numerizada dessa realidade urbana. O excesso de números presente nessa comunicação provoca um certo esvaziamento de sentido tipicamente observado nas relações, ou interações, sociais espetacularizadas.

Debord (2012) indica que o espetáculo pressupõe a abstração da totalidade, ou da realidade em sua completude. Dessa forma, a interação dialógica, afetuosa, no sentido dado por Medina (1996), fica impossibilitada – não há empatia, não há reconhecimento de participação (pelos sujeitos da tríade comunicacional) numa mesma dinâmica urbana.

Cobrir uma situação urbana – por mais banal e repetitiva que possa parecer –, como é o caso da questão da mobilidade, de forma distanciada parece contribuir com esse esvaziamento de sentido. A leitura (elaborada a distância) insistentemente numerizada e, portanto, abstraída da realidade se constitui como característica básica das técnicas consolidadas de cobertura do trânsito. Esse modo de fazer se mostra como parte de uma cultura profissional comprometida com a objetividade e a clareza, supostamente garantidas pelos índices e taxas do trânsito presentes nas narrativas.

Dessa forma, tem-se, por um lado, a estrutura de trabalho e as técnicas culturalmente constituídas que contribuem para um esvaziamento espetacularizado da cobertura do trânsito. Por outro lado, essa mesma estrutura apresenta brechas que permitem ao comunicador agir dialogicamente e, por conseguinte, desenvolver a mediação social pensada como potencial do jornalista por Medina (1996).

Com base naquilo que foi observado no cotidiano de trabalho da equipe de repórteres da RST, é possível inferir que a definição da comunicação como dialógica ou espetacularizada está atrelada ao compromisso do jornalista com seu papel de mediador e, claro, sua competência para aproveitar as possibilidades de construir o diálogo social. Em outras palavras, experimentar a realidade, estar aberto para compreender o outro, para interagir no espaço urbano, em detrimento ao olhar distanciado – muitas vezes, vinculado à numerização da realidade –, são aspectos imprescindíveis para a construção do diálogo social.

Referências

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. “Comunicação e política na sociedade do espetáculo: o conceito de poder espetacular.” In: Cláudio Novaes Pinto Coelho e Luís Mauro Sá Martino. (Org.). *Mídia, espetáculo e poder simbólico*. 1ed. Fundação Cásper Líbero: São Paulo, 2013, p. 37-55.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Contraponto: Rio de Janeiro, 2012.

MARICATO, Ermínia. *O impasse da política urbana no Brasil*. Vozes: Petrópolis, 2011.

MEDINA, Cremilda. *Povo e personagem*. Ulbra: Canoas, 1996.

ROVIDA, Mara F. *Jornalismo em trânsito – o diálogo social solidário no espaço urbano do trânsito*. Tese de doutorado apresentada ao PPGCOM da ECA-USP. São Paulo: 2014.